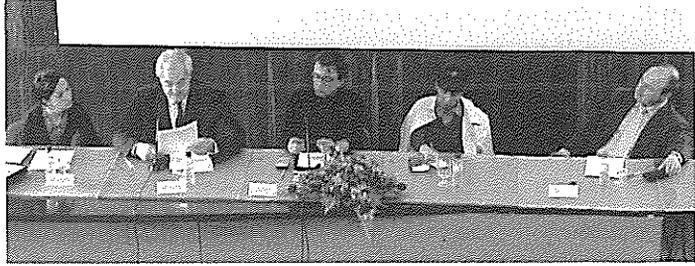


## O Regresso de Sartre ao Porto

Cristina Marinho

Univ. do Porto



*«(...) Puis il a conseillé à Sartre, puisqu'il ne ne pouvait plus écrire d'ouvrages sérieux, de s'essayer à la poésie. (...)»<sup>1</sup>*

Se a modéstia com que esta Secção de Estudos Franceses da Faculdade de Letras do Porto celebrou, a 21 de Outubro de 2005, o Centenário do Nascimento de Jean-Paul Sartre parece não combinar com a grandeza do filósofo, estamos certos de que a perspectiva por nós escolhida teria agradado ao reconhecido escritor; um filósofo na Literatura, assim se intitulava o nosso pequeno colóquio, exprimia precisamente a vontade investigativa de explorar um conhecimento em relação interdisciplinar que a tradição crítica até muito recentemente não privilegiara.

O destaque sobre a criação literária de Sartre, ainda que sempre sob o olhar exegético da Filosofia, culminou na leitura encenada da tradução de *Huis-Clos* com que Natália Correia agitou o mais do que vigilante Estado Novo nos anos cinquenta do século passado e esta iniciativa deveu-se ao interesse dos estudantes do Mestrado em Texto Dramático da FLUP, em particular à dedicação de Lígia Roque: o corpo, que a palavra dramática tomou na voz e movimento de jovens nascidos depois de 1975, só clarificou a irrecusável vitalidade da escrita sartreana, certamente o especial vigor do seu Teatro. As fotografias correspondentes a este momento privilegiado da comemoração mal exprime o encanto que hoje se intensifica pelas dramaturgias, a atenção sobre um autor que estes alunos não puderam escutar – e teriam eles também escolhido o silêncio aburguesado de outrora? – no antigo Anfiteatro Nobre desta mesma Faculdade. As imagens e artigos da imprensa da época, que constituíram breve expo-

---

<sup>1</sup> De BEAUVOIR Simone, *La Cérémonie des Adieux*, Paris, Ed. Gallimard, (1981) 2003, p.74

sição introdutória e que agora juntamos a esta edição, dão conta da nossa vontade de projectar os Estudos Franceses, actualmente desafiados pelas apostas de Bolonha, numa memória preciosa que o Porto preserva, cioso deste diálogo de progresso que um dia soube estabelecer e prolongar e que, no Futuro, saberá certamente enriquecer com o mesmo rasgo.

O ilustre especialista Cassiano Reimão conseguiu que um público, de formação diversa e não especificamente filosófica, reflectisse sobre conceitos da Filosofia de Sartre com uma sensação de facilidade que indica o alto magistério do conferencista na realização da própria vocação do filósofo francês. Discorrendo sobre a perfeita gratuitidade das coisas e do homem, segundo Sartre, notou a importância deste pensamento no século XX, na dimensão do compromisso moral liberto de qualquer constrangimento ideológico ou religioso, espaço de interrogação da esperança que se vislumbraria na emergência de valores, entre a finitude e o ser livre. Crucial, o discurso de rara argúcia e equilíbrio interdisciplinar de André Barata oferece a descoberta, tantas vezes desprezada, de que a Literatura de Sartre não é mera ilustração divulgadora da sua Filosofia, excrecência banalizadora de mais altos patamares. Pelo contrário, o seu pensamento parece fundar-se e experimentar-se nas próprias instâncias literárias, estética abraçando a procura e revelação de um conhecimento filosófico, concluindo o investigador que «a escolha filosófica pela literatura é, por isso, ela mesma em Sartre uma escolha literária pela filosofia». Versátil no jogo crítico entre criação romanesca e obra propriamente de filósofo, André Barata cumpre a árdua tarefa de unir duas áreas nem sempre próximas na reflexão universitária e cuja aproximação exige rara subtilidade. Luís de Araújo pôde abordar a problemática ética intrínseca à Filosofia sartreana sem os véus da nostalgia, debruçando-se sobre o valor de uma lucidez revoltada face ao absurdo da vida que ganha novo valor na desalienação absoluta de todo o Homem. Atento à intervenção militante do filósofo que recusa a torre de marfim, o académico portuense sublinha a convicção sartreana «de uma aliança pensamento-acção» para redimensionar a Filosofia na exigência de construção efectiva da liberdade, isto é, autêntica grandeza da condição humana superando a sua funda tragédia inelutável. O especialista em Ética destacará, ainda, a evolução do próprio pensamento de Sartre sobretudo na emergência de uma fraternidade necessária ao cumprimento da liberdade, princípio de todo o valor, e não esquecendo o que ficou em aberto de reflexão sobre a alteridade e de autocrítica exemplar na recusa de qualquer dogmatismo. Arnaldo Pinho lançará novas pistas, com generosa flexibilidade, de diálogo entre o pensamento de Jean-Paul Sartre e o Humanismo cristão para ultrapassar definitivamente a perspectiva de uma desumanização sartreana com que o próprio filósofo não se identificava. Humanista do Homem que sempre se procura no projecto de si, não sendo um fim em si mesmo, o filósofo

francês merece aqui uma atenção livre de ressentimentos antigos ou de exaltações fáceis para nele se sublinhar a noção de um Homem para quem a transcendência constitui superação da subjectividade e a liberdade plena responsabilidade da vida, e nele se interrogar, ainda, a base de cogito cartesiano associada ao método dialéctico materialista. O distinto estudioso da Universidade Católica regista o rigor da acção sartreana, para além do interesse do seu pensamento, amplas considerações do mal, destaca o seu teatro e toda uma «espécie de rede secreta e discreta», em denúncia de «processos infernais», numa proposta antropológica mais da morte, sem salvação, distante da libertação que todo o Humanismo cristão profundamente implicará. José Domingues de Almeida evoca a passagem de Sartre pela Faculdade de Letras do Porto, em pleno fervor revolucionário nacional, por um lado considerando o curriculum já vasto do filósofo no seu percurso esquerdista, por outro lado não esquecendo o global contexto político internacional, nunca esquecendo a especificidade que a experiência portuguesa constituía. O revolucionário *en fin de route* aprovará a autogestão, a ocupação de casas, proferindo as palavras que de França eram ainda sagradas, num Portugal que aguardava ansiosamente a chegada de Michel Foucault, mas saberá sobretudo escutar e mostrar desapareço por um mutismo universitário em que adivinha talvez imaturidade. Mais fácil parecia ser aderir às denúncias de Castor, lendo mais do que vivendo *Le Deuxième Sexe* até hoje. Esta intervenção articula-se directamente com a exposição que ilustrou este colóquio e que a nossa pequena edição brevemente ilustra em excertos finais da imprensa epocal. Isabel Pereira Leite dará conta da admirável organização da Biblioteca Central da FLUP para providenciar uma mostra bibliográfica que bem exprime tanto a importância histórica de Sartre na História da leitura da nossa Academia, manifesta na quantidade e qualidade das edições, como o rigor dos seus responsáveis na actualização dos fundos.

Agora que a recente *Fotobiografia* de Natália Correia, da responsabilidade de Ana Paula Costa, anuncia uma próxima edição do *Teatro Completo* nataliano, na Imprensa Nacional, pela mão de Armando Nascimento Rosa<sup>2</sup>, ganha ainda mais sentido o nosso apelo no sentido de valorizar num trabalho global a obra dramática da poeta, a propósito, neste colóquio comemorativo, da irreverente tradução que ela deixou inédita do *Huis-Clos* de Sartre. Em vésperas da sua publicação pela Casa dos Açores do Norte, assim como de um seu primeiro inédito intitulado *Sucubina ou a Teoria do Chapéu*, expusemos sobretudo as circunstâncias sócio-políticas da encenação desta peça traduzida, no Portugal dos anos

---

<sup>2</sup> COSTA Ana Paula, *Natália Costa Fotobiografia*, Lisboa, Dom Quixote, 2005, p260, vide «Eros, História e Utopia: o Teatro de Natália Correia», pp.255-260.

cinquenta, depois de termos procedido a uma análise crítica dessa tradução, acompanhada de um estudo sobre a presença das obras do filósofo nas décadas que precederam a Revolução de Abril, aquando do Colóquio *Natália Correia, dez anos depois...*, também nossa iniciativa em 17 de Março de 2003<sup>3</sup>.

Os estudantes que fizeram a leitura encenada desta tradução e outros presentes acolhiam o testemunho de Urbano Tavares Rodrigues sobre o carácter clandestino que esta representação nataliana tomava num serão da Rua Rodrigues Sampaio, tendo entre os espectadores ilustres Francisco Sousa Tavares, Maria Judite de Carvalho, possivelmente David Mourão-Ferreira e Almada Negreiros..., enquanto a PIDE vigiava as entradas na casa da escritora para se certificar de que tal veneno não transbordaria para além de tal círculo já contaminado, mas restrito<sup>4</sup>. Ana Paula Costa saberá também evocar as palavras de Álvaro Manuel Machado sobre essa «boémia literária lisboeta, um tanto burguesa, um tanto castiça, que definitivamente desapareceu», mas longamente lutou contra uma «multiforme castração nacional» através de uma «estrutura coerente de projectos literários que se integravam num meio intelectual preciso». Maria João Martins precisará a dimensão iconoclasta que Natália Correia por essa altura adquiriria, no diálogo com Luís Pacheco e Manuel de Lima, escrevendo com eles panfletos, sob o viperino pseudónimo «Delfim da Costa», e que para sempre lhe investirá a etiqueta de surrealista com a qual, como é sabido, nunca se identifica<sup>5</sup>. Esta década de cinquenta constitui igualmente um período, digamos assim, de internacionalização da casa de Natália, centro intelectual por onde passariam nomes como Henry Miller, Michaux, Ionesco, Claude Roy..., depois da clarificação de vocação política na escrita nataliana, já em finais dos anos quarenta. A Ângela Almeida Natália confessaria a «maluqueira de juventude» que consistira em montar este espectáculo em sua casa, com encenação de Carlos Wallenstein, cenografia do pintor João Santiago e interpretações da própria escritora, Castro Freire, Maria Ferreira e Manuel de Lima<sup>6</sup>. Um jornal da altura, o *Portugal Ilustrado* nº 35, nota o valor da iniciativa no projecto de fundação de um Clube de Teatro, salientando o divórcio do país em relação

---

<sup>3</sup> Vide MARINHO Cristina org. por, *Natália Correia, 10 anos depois...*, Porto, FLUP, 2003. Refiro-me a «Jean-Paul Sartre à porta fechada: uma tradução e representação de *Huis-Clos*, em Portugal», pp.69-81. Este estudo é retomado, de modo mais alargado, na nossa edição do *Primeiro Teatro Inédito de Natália Correia*, Casa dos Açores do Norte, 2006 a que pretendemos dar continuidade.

<sup>4</sup> Tal testemunho é também incluído em COSTA Ana Paula, *Natália Correia Fotobiografia*, ed. cit., p.90.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, pp. 86-88.

<sup>6</sup> ALMEIDA Ângela, *Retrato de Natália Correia*, Lisboa, Círculo de Leitores, s.d., p.43.

a uma Europa livre e o «negro panorama» de crise que atingia o Teatro português. Apesar de proibido, Sartre circulava abundantemente e um levantamento sistemático de edições permite concluir do interesse suscitado pelo autor em traduções e em língua francesa desde os anos trinta, sendo que o seu Teatro era conhecido entre nós, em Francês, pelo menos já em edições de 47 e de 51<sup>7</sup>. A tradução de *Huis-Clos* encontra-se no espólio de Natália, disponível na Biblioteca Nacional, em texto dactilografado, com abundantes anotações manuscritas do seu próprio punho que indicam o enorme empenho da escritora na área da tradução, objecto, de resto generoso, que deveria merecer mais atenção à investigação literária por se tratar de um domínio ainda da sua criação. Como viremos a notar no prefácio que acompanhará a próxima edição, Isabel da Nóbrega testemunhou-nos o rigor da poeta na direcção dos actores e no exímio conhecimento do texto de Sartre, aspectos que se harmonizam com a recriação a que Natália procede num movimento de afastamento da literal compreensão do texto francês; com efeito, a solução riscada, no documento, parecendo à primeira vista mais correcta, corresponde a uma leitura mais chegada ao original e é substituída normalmente por uma versão mais livre, mais pensada e poeticamente mais rica. A tradutora converterá um registo de língua mais solto e informal num nacional mais elevado e tenso que poderá corresponder a um solene estilo nataliano e a diálogos menos descontraídos daquele tempo, em Portugal. Alguns equívocos e até *faux sens* também existem, é certo, nesta tradução da escritora açoriana, justificados de certa forma pelo seu autodidactismo, até à incompreensão. Contudo, parece prevalecer um notável sentido rítmico, privilegiadamente na tradução de canções, que se associa a uma consciência filosófica do texto sartreano radicada, conforme a poeta teorizará, numa consciência poética<sup>8</sup>.

As duas fotografias, com que o *Portugal Ilustrado* iluminava o registo primaveril de uma única andorinha esvoaçando no céu cinzento do salazarismo, o mesmo de *Um Adeus Português* de Alexandre O'Neill, convergem nestas de 21 de Outubro de 2005 em beleza cheia de sentido, com

<sup>7</sup> Vide MARINHO Cristina org. por, *Natália Correia, dez anos depois...*, ed. cit., no artigo supracitado, pp 70-74, procede-se a uma ordenação dos dados bibliográficos nacionais referentes a Jean-Paul Sartre.

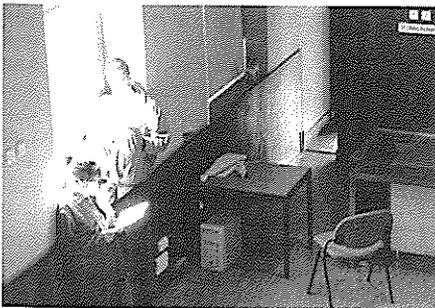
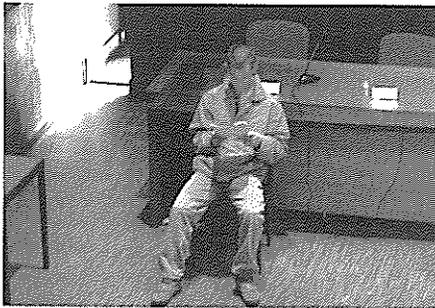
<sup>8</sup> Referimo-nos à obra fundamental *Poesia de Arte e Realismo Poético*, de 1958, onde, pp.5-7, Natália Correia afirmará:

«(...)

O homem só toma consciência de si mesmo quando insatisfeito. É o desespero das miseráveis condições da existência que gera nele a consciência. Toda a acção de tipo criador é uma recusa das concepções anteriores, cuja ineficácia ficou demonstrada na persistência da insatisfação no homem. Assim, a consciência filosófica é consciência da existência, da mesma maneira que consciência poética é consciência da vida.»

as imagens de arquivo da RTP ao fundo, registando momentos da passagem de Sartre por Portugal, sobretudo os de um filósofo que os estudantes desejaram ouvir e que ele fez questão de escutar. Se, em 1975, Jean-Paul Sartre sai desiludido da Faculdade de Letras do Porto, porque os estudantes só lhe ofereciam silêncio e nada, no início deste novo século estes actores, que se improvisaram no palco nobre de um Anfiteatro mais espectacular, pronunciavam as palavras de Garcin, Inès e Estelle, prometiam-lhe, assim, a posteridade desse Inferno da condição humana, da soma responsável dos seus actos que todo o Homem é, da salvação a que mal se ousa aspirar<sup>9</sup>. Entre linhas, Natália parecia lembrar o «génio dramático português» que se devia subtraír ao «rótulo tão velho, quanto falso de detentor quase exclusivo do lirismo peninsular»<sup>10</sup>. O autor de *L'Être et le Néant* via agora tomada a sério a sua poesia.

Por fim, uma palavra de agradecimento a José Domingues de Almeida pela sua dedicação ao trabalho e a Isabel Pereira Leite pelo gosto que põe, connosco, na partilha deste imenso prazer.



Leitura encenada do HUIS-CLOS de Sartre  
Trad. de Natália Correia  
estudantes da FLUP, 21.10.2005

<sup>9</sup> Vide, de entre referências recentes, e a este título específico, Fabrizio Scanzio, *Sartre et la morale, La réflexion sartrienne sur la morale de 1932 à 1952*, Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, Napoli, 2000 e William Bourton, *Sartre d'un siècle l'autre*, Paris, Ed. Labe, 2004.

<sup>10</sup> CORREIA Natália, *A ibericidade na dramaturgia portuguesa*, ed. Tema, s.d.,p.8